

Entre ruínas coloniais e fugas negras: poéticas negras e intelectualidades negras subversivas criando mundos possíveis

José Henrique de Jesus Silva¹
José Paulo Gomes Brazão²

Resumo: Este artigo parte da experiência de mobilidade acadêmica no Programa de Desenvolvimento Institucional Acadêmico Abdias Nascimento, em Portugal, que tem como foco capacitar estudantes autodeclarados negros e indígenas, promovendo a igualdade racial e o combate ao racismo. Investigamos, neste trabalho, a presença das poéticas negras em Portugal e os modos de aquilombamento que são construídos e tensionados na sociedade portuguesa por meio de intelectualidades negras subversivas. Tomamos como dimensão de investigação as ruínas coloniais e as fugas negras, a partir da instalação *O Barco/The Boat*, da intelectual negra afro-portuguesa Grada Kilomba, como dimensão de análise para refletir sobre o racismo português e os modos de aquilombamento produzidos por pessoas negras dentro desses sítios coloniais, em processos de tensionamento mundano. Como objetivo geral, este artigo busca compreender os sentidos das poéticas negras em Portugal e seus modos de engajamento na efetivação de uma educação antirracista, bem como no processo de subjetivação negra, que resiste às condições impostas pelas estruturas coloniais e às nomeações lusotropicalistas. Como estrutura metodológica, partimos das investigações-vidas como movimento epistêmico que nos ajuda a expressar outras inscrições do sujeito, a partir do processo de rompimento colonial que é produzido.

Palavras-chave: Poéticas Negras. O Barco. Grada Kilomba. Educação antirracista. Intelectualidades subversivas.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Mestre em Educação pela mesma instituição. Pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas Queer e Outras Epistemologias (ConQueer/CNPq). E-mail: errique.silva34@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8616293071835492>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2926-6963>.

² Doutor em Educação - Inovação Pedagógica. Docente na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, Portugal. E-mail: jbrazao@staff.uma.pt. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5114782507154253>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3575-4366>.

Este texto expressa os sentidos das poéticas negras a partir da pesquisa desenvolvida no mestrado-sanduíche do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento³. Trata-se de um programa que dialoga com os sentidos de justiça social por meio de políticas de reparação voltadas para a população negra e indígena. Este artigo busca, em parte, apresentar um processo de investigação das poéticas negras, que podem ser compreendidas não apenas como expressões artísticas, mas como práticas de produção de conhecimento que desmontam modos tradicionais de pesquisa a partir de uma práxis quilombista, considerando suas manifestações em Portugal e no Brasil, bem como suas contribuições para a efetivação de uma educação antirracista.

Nos escombros das vidas e memórias negras que ainda estão em processo de negociação, refletimos sobre as formas do racismo e a benevolência da “boa ação”, entendida aqui como o roubo simbólico da branquitude. Frente às críticas frequentemente direcionadas às considerações negras sobre os modelos educacionais e sociais portugueses, este artigo se apresenta como uma intervenção crítica. A escrita retoma cenas da dívida impagável e do projeto quilombista como um modelo de auto-organização negra, configurando-se como um devir possível mediante a poética negra feminista e o lugar da fabulação que as poéticas negras criam como formas de produção de conhecimento (Silva, 2024).

Neste artigo, discutimos o *modus operandi* do racismo e o modo como a sociedade portuguesa e determinados discursos institucionais e narrativas historiográficas portuguesas, frequentemente associados ao imaginário lusotropicalista, contribuíram para a despolitização do colonialismo e para a consolidação de uma identidade nacional marcada pela negação do racismo. Este exercício teórico fundamenta-se em autoras e autores brasileiros e portugueses, que nos ajudam a compreender as dinâmicas raciais e o lugar de negação por vezes descrito por autoras críticas como uma forma de dissociação histórica que diferentes instâncias do Estado português ocupam ao esquivar-se da responsabilização colonial.

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Os autores agradecem ao Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento (UFS/UNIFAP/UMa/U.Porto/CAPES/MEC).

Partimos de uma estrutura territorial epistêmica entre Brasil e Portugal que compartilha dinâmicas moldadas pelas heranças coloniais portuguesas. É nesse entrelaçamento que se manifesta este trabalho, com o objetivo de pensar as poéticas negras e suas dimensões em Portugal, bem como os modelos de ligação com o Brasil. Assumimos os escritos de Abdias Nascimento (2019), Beatriz Nascimento (2018), Denise Ferreira da Silva (2024) e Jota Mombaça (2021) como intelectuais que nos auxiliam não apenas na compreensão dos processos raciais no Brasil, mas também na ampliação do olhar sobre a sociedade portuguesa e demais. Neste diálogo, destacamos pesquisas de autoras e autores portugueses, bem como pesquisadores de outros países que tecem críticas aos modelos sociais construídos pelo Estado português, como Marta Araújo (2013; 2018), Grada Kilomba (2019), Amílcar Pereira e Fernanda Crespo (2022), e Heide Damasceno (2019), como alicerces teóricos que nos ajudam a refletir sobre a atuação do Estado português e uma outra possibilidade de educação neste território.

Como objetivo geral, este artigo busca refletir sobre a compreensão da poética negra em Portugal e seus modos de aquilombamento na projeção de uma educação antirracista, a partir da instalação *O Barco/The Boat*, da artista e intelectual portuguesa Grada Kilomba (2021). Três dimensões se tornam centrais para a realização deste estudo: a primeira é investigar se nossas produções contribuem para a compreensão da sociedade portuguesa e do racismo lusófono por meio da obra *O Barco/The Boat*; a segunda, estudar como as poéticas negras se enraízam neste território; por fim, analisar como essas poéticas criam modelos de aquilombamento e estabelecem pistas para a efetivação de uma educação antirracista.

O percurso metodológico adotado neste artigo baseia-se no uso das investigações-vidas como movimento que, segundo Dias (2024), rompe com a colonialidade epistêmica e com os modelos cisheteronormativos. De certa forma, esse recurso metodológico permite tensionar o modelo de consciência colonial por meio de práticas de afrontamento e atrito com a norma. Nesse sentido, as investigações-vidas deslocam o lugar do pesquisador como observador distanciado, compreendendo o corpo, a memória e a experiência como arquivos vivos. A análise deixa de operar apenas como interpretação de objetos artísticos e passa a constituir-se como relação, escuta e implicação ética diante

das obras. Desse modo, aplicamos esse movimento como forma de “borrar, riscar, demolir e estraçalhar as ideias que foram disseminadas a partir dos critérios de validação do conhecimento” (Dias, 2024, p. 70).

Primeiras faíscas

Começamos este artigo apresentando Abdias Nascimento (2019), importante intelectual negro, militante e precursor da luta antirracista e da libertação negra. Artista plástico, dramaturgo, poeta e filósofo, Abdias propôs um novo sentido de mundanidade para a condição da pessoa negra. Embora soterrado pelo epistemicídio, seu pensamento continua ecoando como projeto de emancipação negra para aqueles que dão continuidade aos seus ensinamentos por meio da luta antirracista e do projeto quilombista, que se expressa na proposta de uma educação aquilombada e antirracista. Mais do que referência temática, o pensamento de Abdias Nascimento orienta a posição metodológica deste artigo, na qual arte, memória e luta política constituem formas de produção de conhecimento.

É pensando em seu legado que nasce a escrita deste artigo, como continuidade de um projeto emancipatório de resgate da memória negro-africana que, por meio das poéticas negras, instaura não apenas sentidos políticos, mas modos outros de conhecer, nos quais experiência, ancestralidade e criação artística operam como práticas investigativas. Nesse mesmo lugar, resgatamos novamente o legado de Abdias Nascimento (2019) como um instrumento frutífero de uma luta que consagra, em uma dimensão comum, a ideia de libertação negra como possibilidade real de pensar uma sociedade melhor, fora das lógicas racistas e coloniais impostas pelo colonialismo e por suas colonialidades.

Dessa forma, desenvolvemos a noção de poética negra nesta etapa de investigação, a partir de categorias como: colonialismo, racismo, antinegritude, desenraizamento, enraizamento e consciência colonial. Essas categorias se entrelaçam na pesquisa que se estabelece entre Portugal e Brasil. Tomamos o movimento quilombista como um acionamento para pensar outras condições de vida, frente ao modelo de racismo

português e às formas de sua propagação, que o Estado português ativa cotidianamente no processo de negação do racismo, negação apresentada como um ato fictício de uma sociedade desenvolvida.

Começamos, no embaralhar destes parágrafos, dizendo: estamos aqui aos olhos que nos observam, condenam e não nos escutam. E assim assumimos a escrita em seu caráter performativo, operando como gesto metodológico que desloca a neutralidade acadêmica e inscreve a experiência negra como lugar de enunciação do conhecimento. Tomamos as poéticas negras produzidas em solo português como um redirecionamento para pensar os modelos de aquilombamento que essas poéticas proporcionam às existências negras. E, para além disso, como essas poéticas possibilitam práticas antirracistas em uma sociedade que constantemente nega e oculta o racismo.

Com base nesses espaços de investigação, aproximamo-nos de aportes teóricos que auxiliam na construção desta pesquisa, permitindo-nos compreender as dimensões do racismo no contexto português e os modelos de aquilombamento produzidos por pessoas negras. Esses modelos surgem diante do desraizamento provocado por vidas de errância e exílio impostos à população negra (Pereira e Crespo, 2022). Investigamos, assim, categorias de violência implícitas e explícitas que são visíveis às pessoas negras e a outros grupos marginalizados que migram para esses territórios em busca de vidas melhores. Tais investigações nos permitem perceber como as categorias de conhecimento são fundadas e como os espaços de aprendizagem podem se tornar violentos para as existências negras, por meio dos dispositivos de racialidade e do epistemicídio, categorias fundantes no interior do Estado português (Carneiro, 2005).

Para todas essas questões, utilizamos como fio condutor de análise a obra *O Barco/The Boat* (2021), de Grada Kilomba, como um movimento de repensar o modelo colonial que ainda estrutura a sociedade portuguesa e seus processos subjetivos. A partir da instalação, refletimos sobre quais histórias são contadas e como elas se manifestam nos processos educacionais, reforçando uma consciência colonial e a validação de uma história única e universal. Neste exercício, buscamos evidenciar como o racismo em Portugal se apresenta como uma brincadeira de “esconde-esconde”, em que discursos institucionais e parte do debate público operam mecanismos de invisibilização das

continuidades coloniais, baseada na superioridade racial e na proposição de uma ficção de identidade nacional homogênea (Hall, 1997).

Além disso, este artigo abre caminhos para pensar, por meio de outras autoras, os trânsitos de artistas brasileiras que vivem em Portugal, como Jota Mombaça (2021), cuja obra funciona como bibliografia viva para refletir sobre o racismo lusitano e a colonialidade ainda vigente no país. Sua produção evidencia como a consciência colonial permanece instituída, visível, por exemplo, na manutenção de monumentos que homenageiam cúmplices de violências coloniais. Um caso emblemático é a estátua do Padre António Vieira, instalada em praça pública em 2017, que representa três crianças indígenas em gesto de adoração, reforçando imaginários racistas ainda presentes na sociedade portuguesa. Nesse sentido, as poéticas negras não apenas denunciam estruturas coloniais, mas também produzem novos regimes de sensibilidade e conhecimento capazes de reconfigurar os modos de investigação e aprendizagem. Assim, pensamos as poéticas negras como faíscas que incendeiam os espaços coloniais e suas ruínas, operando como gesto de resgate histórico e de afirmação de liberdade no presente.

Entre quem escuta e renega a escuta

Para começar a falar de poética negra, é necessário discutir como essas poéticas estão situadas em um terreno de disputa entre quem escuta e quem renega a escuta. Inevitavelmente, não podemos deixar de mencionar este lugar de compreensão que o processo de investigação alcança, ao revelar como essas poéticas tornam-se movimentos de resistência diante daqueles que querem escutar e daqueles que recusam a escuta. Tal disputa não é apenas temática, mas metodológica, pois redefine quem pode produzir conhecimento e quais experiências são reconhecidas como fontes legítimas de saber. É sobre esse solo de disputa que refletimos as direções do trabalho realizado por Grada Kilomba (2021) em território português e os diálogos possíveis entre as poéticas negras no Brasil.

O sentido de poética negra neste artigo não se refere prioritariamente a um movimento literário, mas à poética como forma de engajamento que expressa a

complexidade do mundo, suas multiplicidades e identidades por meio da criação artística. Para essa compreensão, aproximamo-nos do pensamento do intelectual martinicano Édouard Glissant (2021), que entende a poética como uma ação voltada para o outro, implicada numa perspectiva relacional de mundos que coexistem. A partir desse entendimento, compreendemos a poética negra como um movimento de ação aquilombada. Nesse sentido, ela desloca a investigação de um modelo centrado no distanciamento analítico para uma prática relacional, na qual criação artística, experiência e pensamento constituem simultaneamente objeto e método de pesquisa, aproximando-se dos efeitos de uma prática de “viver-ser-saber-crer-reexistir-estar no mundo” (Feitosa, 2022, p. 52). Assim, a poética negra atua como um modelo que possibilita ressignificar os sentidos de humanidade e de mundo a partir das experiências negras e de outros grupos marginalizados.

Segundo Glissant (2021), a poética da relação é uma tentativa de pensar o que nos une e o que nos separa, sem recorrer a um modelo de unificação. É a partir dessa afirmação que refletimos sobre a poética negra como um movimento que caminha em direção à poética da relação, mas que, antes de tudo, precisa ser negra. Isso porque a própria condição do mundo se estrutura como uma disputa entre os lugares da humanidade e da desumanidade, às quais certas existências, como a negra, são historicamente relegadas (Vargas, 2020). Essas existências tornam-se objetos de um processo mundano de subjugação, inscrito em códigos ontoepistêmicos e éticos, como argumenta Denise Ferreira da Silva (2024). É por essa consideração que propomos a poética negra como um efeito mobilizador, capaz de reconstituir critérios de humanidade e de mundo, mesmo quando submetida a lógicas supostamente abertas, mas que continuam a determinar os modos de existir de pessoas negras e indígenas.

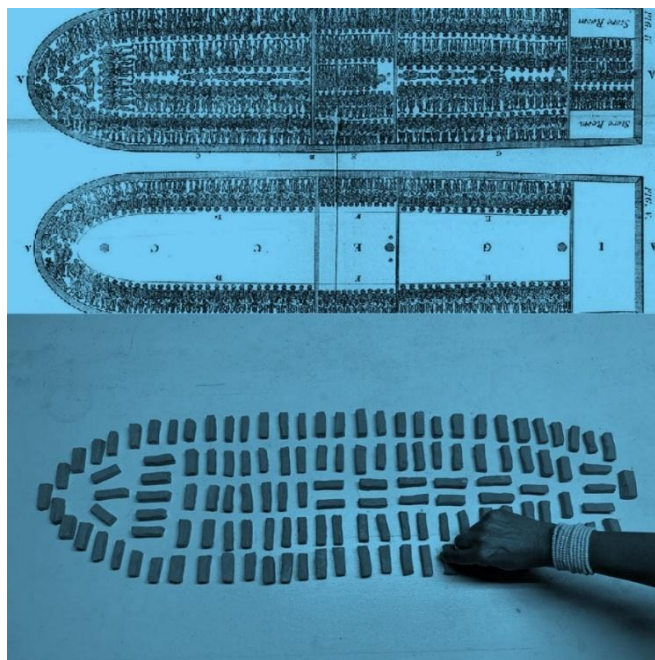
A poética negra, como um terreno aberto, propõe uma forma de tensionamento dos pilares ontoepistêmicos fundados nos pressupostos da modernidade (Silva, 2024). A dimensão estética dessas poéticas não atua apenas como expressão simbólica, mas como um procedimento cognitivo capaz de reconfigurar percepções históricas e formas de aprendizagem. É a partir de uma crítica radical aos critérios modernos e às expressões coloniais e colonialistas que derivam que a poética negra emerge. Tal poética, como um

rizoma, espalha-se pelas ruínas coloniais, recontando histórias, buscando nomes e revelando o que foi silenciado. É nesse contexto que nos aproximamos da obra de Grada Kilomba, *O Barco/The Boat* (2021), compreendendo-a como uma poética negra que expressa uma ação pedagógica e antirracista, funcionando como crítica à consciência colonial que sustenta as estruturas sociais e culturais portuguesas.

A escolha da instalação artística *O Barco/The Boat* (2021), de Grada Kilomba, reveste-se de grande importância para as poéticas negras que emergem em território português. Até os dias atuais, a história da escravização permanece parcialmente ausente ou disputada nas formas oficiais de representação histórica em Portugal. As narrativas históricas e culturais ainda reproduzem imagens do colonizador português associadas ao imaginário do “bom senhor”, frequentemente vinculadas ao legado lusotropicalista. Nesse cenário, *O Barco/The Boat* possibilita um outro processo histórico: o de recuperar e rever as histórias contadas e a forma como são narradas. Para além disso, permite pensar a vida negra em seus processos de aquilombamento como proposta de construção de uma sociedade justa, baseada em critérios de justiça social.

Simultaneamente, a obra delimita uma exigência de responsabilização histórica dirigida às instituições, aos discursos públicos e às memórias coletivas que estruturam o contexto português contemporâneo em relação ao seu processo de colonização e de exploração das existências negro-africanas e indígenas, historicamente reduzidas à condição de propriedade, objetos de valor e de lucro (Silva, 2024; Hartman, 2020).

Figura 1 – O Barco/The Boat



Fonte: Museu de Arte e Arquitetura e Tecnologia – MAAT, Grada Kilomba (2021)

A instalação *O Barco/The Boat* teve sua primeira apresentação em Lisboa, cidade de origem da artista, marcada por profundas desigualdades socioespaciais nas quais se concentram muitas comunidades negras da capital portuguesa (Machado, 1994). A instalação foi exibida pela primeira vez no Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia – MAAT, entre os dias 3 de setembro e 17 de outubro de 2021, com performance e todos os artefatos que compõem a obra. Trata-se de uma produção que tensiona o passado colonial e a escravização de pessoas negro-africanas, colocando em xeque processos históricos de apagamento associados à construção da narrativa nacional portuguesa e às formas como identidades negras foram marginalizadas nesse contexto.

A obra é composta por 140 blocos de madeira dispostos conforme padrões arquitetônicos inspirados em navios negreiros, evocando o tráfico transatlântico de pessoas escravizadas. Esses elementos representam a base material e simbólica da construção da nação europeia, ao mesmo tempo em que denunciam modos pelos quais narrativas institucionais e culturais portuguesas têm historicamente reconfigurado ou atenuado a violência do passado colonial. Essa reinterpretação permite pensar como o

corpo cativo perpassa a experiência da chamada “passagem do meio” (Hartman, 2020; Kilomba, 2021).

O Barco/The Boat nos conduz à reflexão sobre o tráfico de pessoas africanas para as colônias americanas. Este percurso, presente na instalação, torna visíveis as relações históricas que ainda hoje são objeto de disputa pública e memória social no contexto português, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento da escravização e de seus legados. A obra resgata o impossível entre cantos, choros, o espaço do corpo estendido, tudo aquilo que a carne negra passou e continua passando em versões atualizadas da lógica colonial por meio de um corpo-vivo que é a performance que acontece no processo de exposição. Nesse sentido, a instalação opera não apenas como representação estética, mas como dispositivo epistemológico, produzindo formas de conhecimento sensível que desafiam os arquivos históricos oficiais ao mesmo tempo em que contesta as narrativas dominantes tal qual Hartman (2020) contesta o lugar da Vênus, re-imaginando sua vida e humanidade fora dos marcos do tempo e da violência colonial.

É nesse contexto que compreendemos *O Barco/The Boat* como uma poética negra que atua na destruição da consciência colonial, possibilitando que, por meio de uma política de restituição, a história seja re-imaginada a partir de perspectivas historicamente silenciadas. Essa relação que a autora estabelece com sua obra dialoga com o que Abdias Nascimento (2019) denuncia referente a obliteração da lembrança colonial da identidade negro-africana: um efeito que transforma o sujeito negro em alguém desenraizado, sem memória, de modo que as políticas de branqueamento passem a ser apresentadas enquanto um caminho de salvação. Nesse sentido, Bento (2002) descreve o branqueamento como um projeto de caráter subjetivo imposto à vida negra no modelo social e cultural dominante nas dinâmicas raciais brasileiras, dinâmica que autoras críticas identificam também em determinadas configurações das relações raciais no contexto português.

Em entrevista sobre sua instalação artística, Grada Kilomba (2021) afirma que Lisboa ainda sustenta uma ideia fabulosa dos navios enquanto símbolos de descobrimento. No entanto, observa que há, na cidade e no país, quase nenhuma representação do impacto da escravização de milhares de pessoas negro-africanas. Ainda hoje, segundo a autora, políticas de aniquilamento continuam sendo mobilizadas com o

intuito de extinguir essas presenças nos territórios portugueses (Pereira e Crespo, 2022). A instalação *O Barco/The Boat* revela-se, portanto, um gesto de reparação simbólica às vidas que se foram e às que sobrevivem em um território no qual muitas dessas dinâmicas coloniais permanecem objeto de contestação e disputa social. Trata-se de uma denúncia das violências que continuam sendo reatualizadas sob outras formas, sustentadas por uma lógica que insiste em ver a existência negra como propriedade.

Assim, compreendemos as poéticas negras como um modelo de aquilombamento que aproxima identidades nacionais e migratórias, estabelecendo um lugar de ocupação e luta contra a estrutura racista portuguesa, estrutura que, até hoje, legitima a exclusão de afro-portugueses e imigrantes negros. *O Barco/The Boat* (2021) apresenta-se como um instrumento para estabelecer a responsabilidade do Estado português e para revisar sua história. É um convite a construir políticas institucionais que reconheçam a presença e o significado das identidades negras, rompendo com o mito da democracia racial que ainda permeia o imaginário coletivo.

O apagamento e a obliteração da memória colonial em Portugal são marcas centrais na formação subjetiva da sociedade portuguesa, assim como o são no Brasil. Essa negação sustenta a ilusão de que estas nações não são racistas, ao mesmo tempo que desconsideram as formas como a população negra e outros grupos marginalizados são tratados (Figueiredo, Arruda, Araújo, 2021). No campo social, cultural e especialmente educacional, essa negação se torna um movimento contínuo de reprodução das estruturas coloniais, resultando em processos de higienização da identidade nacional e apagamento massivo de outras identidades raciais.

Abdias Nascimento (2019) traz, em suas considerações, elementos fundamentais para refletir sobre o apagamento da memória negro-africana e sobre a forma como o Estado brasileiro tratou, e ainda trata, essa condição. Isso nos permite compreender como o Estado português reproduz lógicas semelhantes, ainda que com signos e significados próprios. É justamente isso que Grada Kilomba (2021) propõe com sua obra: uma retomada da história como ato de reconstrução e recuperação da memória:

No sentido de apagar da lembrança do afro-brasileiro a horripilante etapa histórica do escravagismo, a camada dominante no Brasil não tem poupado esforços. Com essa providência se conseguiriam vários benefícios: primeiro, aliviaria a consciência de culpa dos descendentes escravocratas, os mesmos que ainda hoje continuam dirigindo os destinos do país; segundo, simultaneamente ao desaparecimento do seu passado, o negro brasileiro assistiria também à obnubilação de sua identidade original, de sua religião de berço e de sua cultura, o que resultaria na erradicação da personalidade africana e do orgulho que lhe é inerente. A classe da dirigente e seus porta-vozes teóricos-historiadores, cientistas sociais, literatos, educadores, e outros afins – formam uma consistente aliança que tem exercido, há séculos, a prática e a teoria da exploração dos africanos e de seus descendentes no Brasil (Nascimento, A., 2019, p. 110).

Ao descrever o Brasil e a recepção aos afro-brasileiros, Abdias Nascimento (2019) apresenta uma condição global vivida cotidianamente pela comunidade negra, seja dentro ou fora de seus territórios de origem, bem como nos territórios dos credores. Essa análise pode ser estendida aos contextos de afro-portugueses e de imigrantes que chegam a Portugal em busca de uma suposta vida melhor, mas que acabam tornando-se objetos de exploração nas engrenagens do capitalismo racial (Silva, 2024). No campo educacional e intelectual, diferentes estudos apontam a persistência de discursos que minimizam ou negam a existência do racismo no contexto português, revelando resistências institucionais e epistemológicas ao reconhecimento das desigualdades raciais (Araújo e Rodrigues, 2018). Tal recusa pode ser compreendida como parte de mecanismos históricos de desresponsabilização diante dos legados coloniais e de suas continuidades contemporâneas. Nesse sentido, Beatriz Nascimento (2018) oferece uma reflexão crucial para compreender as dificuldades dos brancos brasileiros em falar sobre a população negra, dificuldade que, em certa medida, também se reflete no comportamento dos portugueses:

O branco brasileiro de um modo geral, e o intelectual em particular, recusam-se a abordar as discussões sobre o negro do ponto de vista da raça. Abominam a realidade racial por comodismo, medo, ou mesmo racismo. Assim perpetuam teorias sem nenhuma ligação com nossa realidade racial. Mais grave ainda, criam novas teorias mistificadoras, distâncias desta mesma realidade (Nascimento, B., 2018, p. 45).

O contexto português apresenta aproximações significativas com o brasileiro no que diz respeito às dinâmicas históricas de racialização herdadas da experiência colonial. É, portanto, pelas vozes de Abdias Nascimento (2019) e Beatriz Nascimento (2018) que refletimos sobre as aproximações entre essas sociedades enquanto sociedades marcadas por estruturas históricas de antinegritude, nas quais a presença negra é simultaneamente explorada como força produtiva e marginalizada socialmente. Não é à toa que observamos processos de encarceramento em massa, genocídio e segregação racial de pessoas negras nessas nações (Pereira e Crespo, 2022). Ao pensarmos as estruturas educacionais, a negação do racismo emerge como elemento central. Nas instituições de ensino superior e nos primeiros ciclos da educação em Portugal, estudos têm apontado a sub-representação de estudantes negros e de outros grupos racializados em diferentes níveis do sistema educacional português. Observamos, ainda, currículos baseados em uma dimensão eurocêntrica, onde o que difere permanece atrelado à herança da branquitude ou, de algum modo, a ela subordinado.

Em diferentes contextos sociais portugueses, afirmar-se negro pode ainda ser interpretado como gesto de tensão identitária, revelando resistências à racialização explícita do debate público. A leitura colonial, ainda vigente, afirma que “todos são pessoas” e que “não há diferenças de cor”; no entanto, essa mesma estrutura nega a existência de afro-portugueses, considerando tal identidade uma afronta à ideia de nação homogênea. Segundo Machado (1994), filhos de imigrantes nascidos em Portugal são chamados de “imigrantes de segunda geração”, sobretudo quando oriundos de ex-colônias africanas. Isso evidencia como as cidades portuguesas seguem reproduzindo mecanismos de expulsão desses corpos para regiões periféricas, como um modelo contínuo de segregação. A narrativa construída pela branquitude insiste em romantizar essa periferia como espaço de felicidade como se viver em comunidade à margem fosse uma dádiva, ao mesmo tempo em que diversas violências agenciam uma política territorial.

É nesse contexto que nos posicionamos para compreender outras camadas do racismo, que não diferem muito dos ditames expressos na sociedade brasileira. O racismo manifestar-se no cotidiano por meio de micropráticas de racialização. Também se revela

na recusa em reconhecer as diferenças étnico-raciais nas escolas, muitas vezes sob o disfarce de uma interculturalidade que busca evitar qualquer enfrentamento com a realidade do racismo (Araújo e Maeso, 2013). No caso específico de Portugal, o que se observa é justamente o contrário de um modelo intercultural: desde o primeiro ciclo escolar, a estrutura já configura formas de segregação. Percebe-se isso na maneira como professores que vivem outra realidade afirmam que “é na periferia onde eles são felizes”, ou mesmo negam a existência de uma contracultura negra, com o argumento de que “vocês sequer têm uma cultura”.

A interrupção da fala é uma dessas dinâmicas constantes, que nos faz lembrar o lugar da boca e das máscaras impostas às pessoas escravizadas (Kilomba, 2019). Máscaras que, ainda hoje, delimitam o silenciamento simbólico e estrutural daqueles que ousam dizer: “isto que está sendo falado pertence a vocês”. Trata-se de uma tentativa de inversão de responsabilidade: essa dívida histórica não pertence à existência negra. Assumindo uma escrita performativa e situada, que integra experiência e teoria como procedimento metodológico, afirmamos que essa dívida pertence a cada europeu branco, cis e heterossexual que, mesmo entre os escombros das alianças que construímos, ainda nos deve. E, mesmo que tentem nos matar, combinamos em não morrer e em gritar, aos olhos cor de mar: não vou morrer agora (Evaristo, 2016; Mombaça, 2021).

É nesse reconhecimento da dívida impagável que dizemos: estou aqui, um corpo no mundo, que entende que sua casa é onde estiver. Mesmo nos processos de desenraizamento, somos capazes de constituir assentamentos. Ao dizer “estou aqui”, procuramos o encontro com saberes outros, com aquilo que, por tanto saber, estagnou-se; com aquilo que revela como tudo tem sido mercantilizado inclusive a carne negra, que ainda é objeto de prazer, de fetichização brutal, ora acolhido, ora esquecido (Mombaça, 2020). É nessa devolutiva poética que trazemos as poéticas negras enquanto instrumentos de cobrança da dívida impagável. Uma dívida que arranca do impossível do futuro a necessidade urgente de transformação no presente, carregando no trago do passado a exigência de justiça social para as vidas cativas.

Tornar o invisível visível

Até então, dialogamos sobre os processos que conseguimos acessar a partir de *O Barco/The Boat*, obra que permite pensar as violências que foram e são articuladas pelo mundo contra as existências negras. Para além disso, trata-se de um gesto de tornar o invisível visível configurando a obra um dispositivo epistemológico capaz de produzir conhecimento sensível sobre a violência colonial e seus efeitos contemporâneos demarcando as marcas consciente e inconsciente dessa violência que opera até os dias atuais (Kilomba, 2021). *O Barco/The Boat* provoca que as pessoas se afetem, numa dinâmica de perceber coisas que, inicialmente, acreditam não fazer sentido, ao mesmo tempo que articula, para as pessoas brancas, um modo de olhar para os efeitos que seus corpos produzem a vida negra.

No processo de investigação, entre espaços públicos e privados, pude perceber como a leitura de *O Barco/The Boat* poderia ser sentida. Em um primeiro momento, queria que essa leitura fosse vivenciada dentro da universidade em que desenvolvi esta pesquisa. Se Kilomba (2021), em sua instalação, busca tornar o invisível visível, meu papel, enquanto afro-brasileiro, também é o de dar continuidade a esse processo, o que, de certa forma, me colocou em uma posição reflexiva que alterna implicação e distanciamento analítico, para que as afetações pudessem ser sentidas sem uma determinação pessoal sobre as dinâmicas investigativas. No entanto, ao assumir o lugar de um projeto que tenciona o modelo colonial e suas heranças, partimos para um movimento de direcionamento sobre o que seriam as identidades.

Perceber o modo de atuação da identidade portuguesa nos obriga a refletir que determinadas narrativas e práticas institucionais, no contexto português, historicamente projetaram sobre sujeitos negros uma condição de sujeição e medo social, assim como no Brasil: após a abolição, as pessoas negro-africanas não puderam buscar e exercer suas raízes nem assumir o tronco familiar africano (Nascimento, A., 2019). Isso se deve à forma que Portugal atuou, impondo um ordenamento das identidades para o qual o apagamento da memória se torna uma política deliberada (Kilomba, 2021). Nesse sentido, é possível pensar que, se por um momento a identidade nacional brasileira teve medo do negro, a identidade nacional portuguesa posiciona-se no mesmo sentido.

Ao mencionar a identidade nacional portuguesa, manifesto o reconhecimento de uma identidade plural, entre diversidades e diferenças. No entanto, a lógica que sustenta essas determinações se concentra na figura do sujeito branco enquanto ser universal, transparente (Silva, 2024). Essa afirmação busca dialogar com aquilo que esta sociedade tende a afirmar sobre o racismo: como algo mítico, uma forma de escamotear o real, mesmo quando, simultaneamente, mata-se pessoas pela cor da pele e projeta-se, sobre seus corpos, cenas recorrentes de exploração desumana e desigual. Esse é o destino de boa parte da população negra que vive ou chega a esses lugares, seja como trabalhadores, estudantes ou turistas. O modo que o racismo se inscreve na lógica social em Portugal tende a ser uma projeção de violência subjetiva e física, onde os processos consciente e inconsciente atravessam um movimento de autonegação.

Ao pensar o processo educacional, nos perguntamos: de que forma as poéticas negras aparecem no contexto educativo? Levando em consideração que o reflexo educacional é um reflexo da sociedade civil, pesquisas indicam a presença de dinâmicas de racialização em diferentes níveis do sistema educacional português, desde a educação infantil até o ensino superior (Araújo e Rodrigues, 2018). O modo que Portugal olha para sua história não delimita políticas públicas que contemplem currículos diversos, que incluam temas como o racismo. Para a grande maioria da população, todos são tratados como iguais; contudo, sabemos que esse valor de igualdade não passa de uma afirmação ilusória quando confrontado com o modo de autorregulação social que é gerido pelo país.

Araújo e Maeso (2013) retratam que Portugal traz em si uma ideia homogeneizante de sua identidade, negando um passado histórico constituído por processos migratórios forçados, como a escravização de pessoas africanas traficadas. Quando pensamos no colonialismo, estamos diante de um processo histórico nacional profundamente marcado pela exploração colonial e pelo tráfico transatlântico de pessoas escravizadas, mas que hoje se apresenta enquanto um país civilizado, avançado e igualitário. É a partir dessa compreensão do colonialismo que percebemos como partes da subjetividade portuguesa se comportam: observando as existências negras como corpos manufaturados, como sujeitos “outros”. Assim, ao pensar de forma diferente os processos históricos, a sociedade portuguesa delimita também sua responsabilidade.

Ao tornar o invisível visível, assumimos outra gramática e outra semântica. Essa mudança de gramática implica também uma transformação epistemológica, na qual estética, memória e experiência passam a operar como formas legítimas de conhecimento. Esse exercício de recondução delimita os sentidos de *O Barco/The Boat* e de outras poéticas negras que emergem cotidianamente. Seja nas paredes, que expressam o invisível, seja nas poéticas que circulam pelos espaços públicos, bibliotecas e arquivos, tais produções aparecem como meios de tensionamento aos modelos de colonialidade que marcam a delimitação de paradigmas universais, monorracionais do saber (Noguera, 2012).

É a partir dessas poéticas negras que encontramos o lugar de fabulação de outros mundos e suas articulações com novas possibilidades educativas que se sedimentam tanto no prisma formal quanto no informal. Contudo, em suas construções, projetam a possibilidade de tensionar e agregar os saberes étnico-raciais no campo global, como uma maneira de compreender os mecanismos assumidos por uma arquitetura global e racial que delimitou as existências negras e outras subalternidades ao lugar da inferioridade e marginalização.

Esses efeitos transitam pela condição de antinegritude, como modelo que a sociedade portuguesa delimita para toda expressão negra em seus currículos. Assim como o racismo que opera sobre a antinegritude e as dimensões de desraizamento que configuram o apagamento da identidade e da ancestralidade de sujeitos negros que são ou tornam-se portugueses, mas que, inevitavelmente, são negros.

Fabular mundos outros

Ao pensar nas poéticas negras e na forma que elas adentram este território, mais precisamente a educação, mediante as narrativas que vêm das artes, como a literatura e as artes visuais, surge a pergunta: Como estas poéticas têm sido visualizadas em seu território? Como será que essas poéticas criam práticas antirracistas? Essas questões orientam o percurso investigativo deste artigo, compreendendo a recepção estética como dimensão central da produção de conhecimento nas poéticas negras. Mexer na dor,

esboçar a dor, têm sido meios pelos quais a arte e a literatura expressam maneiras de dizer: “olhem para este lugar tão desumano que vocês têm nos dados, e imposto”. Mas até onde isso chega? Será que é suficiente ou será que é compreendido apenas como um contexto de fabulação? Esse fabular está mais próximo de nós do que distante, seja em seus mais diversos gêneros, romance, ficção, poesia, tudo tende a fabular essa dor que expressamos em palavras.

Nesta marcação de fabulações entre pesquisas e artes as poéticas negras aparecem tensionando paradigmas hegemônicos de matriz euro-ocidental, historicamente associados a normatividades brancas, cisheteronormativas e cristãs, diante de narrativas terceiro-mundistas, como expressões que demarcam a dívida e a responsabilidade daqueles que fazem pouco caso do processo de colonização. Começo a perceber como as poéticas negras vão ganhando espaços dentro da academia, particularmente em Portugal. Faço um exercício de observação: busco o que os muros estão a dizer, mas também mudo a rota para os olhos que fitam a pele negra transitando pelos espaços, livrarias, bibliotecas, ruas, becos. Esses lugares tornaram-se espaços para compreender como essas poéticas negras vão se escrevendo, assim como nas salas de aula.

É diante dessas poéticas negras que conseguimos ver a expressão da antinegitude gritando: a forma como o sistema euro-ocidental olha para os países aos quais atribui a existência de uma dívida que não nos pertence. Com isso, vou pensando o modo de articulação que vem sendo operado pela educação: é na provocação da sensibilidade projetada por essas poéticas que percebo modelos de um outro educar, que pressupõe uma outra ideia de mundo. Assim, essa é a proposição principal de *O Barco/The Boat*: questionar os modelos hierárquicos e o modo como o mundo colonial ainda dita sua verdade diante de um componente único e dos seus. É por meio dessas poéticas que vamos tensionando, em outra atmosfera de espacialidade, a noção de tempo e os modos de fuga que criamos para nos aquilombar, um movimento que antecipa um efeito pedagógico, ensinando a rastrear lugares propícios para iniciar o processo de recondução da história.

Fabular mundos outros é uma das dimensões de articulação que a poética negra cria como práxis engajada. Aproximo aqui a noção de engajamento do que bell hooks (2013) escreve sobre pedagogia engajada como um efeito de colocar em direção uma

educação para a liberdade. Contudo, o sentido de liberdade também se constrói sobre outro paradigma, que não venha das considerações pós-iluministas, mas de uma liberdade em que a vida humana esteja sob condições justas, entre as dinâmicas sociais nas dimensões de diferença e diversidade onde o respeito não seja algo a ser conquistado, mas sim que delimite um lugar de exigência entre um e outro (Silva, 2024). Assim, a dívida impagável se encaminha para uma dinâmica de pensar o lugar da vida, para que possamos esboçar outro sentido para a vida, e que esta vida não seja gestada sobre o lugar do valor.

No estudo proposto por Damasceno (2019), sobre como as relações étnico-raciais são vistas em território português, o autor demonstra o racismo e a antinegitude como agenciadores, que são presentificados pelas teorias lusotropicalistas e coloniais. É no combate a um modelo de invisibilidade que as poéticas negras se agregam cotidianamente, em suas dimensões informais e formais, como uma forma de dinamizar o modelo de projeção étnico-racial dentro das dinâmicas europeias como uma estrutura para pôr em questão aquilo que é produzido por sujeitos que se sentem autorizados a afirmar que, nos países europeus, existe uma dimensão de identidade nacional.

Bem, se formos pensar o lugar da identidade nacional que é tangida por esse sujeito, é mais uma reflexão sobre o lugar da branquitude e uma semelhança entre os pares como iguais, desde que estejam sob a pertença do mesmo continente. É por essa poética negra que vemos o colonialismo ainda em manutenção da vida, mesmo diante das independências: esse novo colonialismo, que se expressa como colonialidade, se mantém sobre o substrato da vida, entre o saber, o ser e o poder como nos apresenta a perspectiva da decolonialidade (Maldonado-Torres, 2019). É nesse lugar da colonialidade que percebemos o funcionamento da educação portuguesa. Damasceno (2019) destaca, a partir de entrevistas com estudantes negras portuguesas e imigrantes, como o racismo e a antinegitude são condições estruturantes dentro da educação. Isso, de alguma forma, implica na posição do Estado-nação português, que garante um modo de projeção de uma dita supremacia branca sobre os processos subjetivos dos sujeitos que adentram nesse espaço.

É perceptível que a compreensão do racismo em Portugal muito enviesada pela compreensão do sujeito branco condicione uma dimensão de negação. Essa negação é,

mais uma vez, uma condição de não promover, numa estrutura humanista, o modo de pensar uma ideia outra de mundo e de subjetividade, que não esteja realocada ao que é delimitado pelo paradigma social moderno e seu antropocentrismo (Silva, 2024). Se pensarmos na experiência vivida do negro por Fanon (2008), em contexto francês, essa mesma relação se amplia ao contexto português. Assim, é compreensível perceber que estamos numa sociedade em que ser colocado enquanto negro é algo ruim, pois a narrativa estruturada dentro desse território afirma que todos são humanos; contudo, percebe-se, cotidianamente, que a condição de humanidade pensada para o negro e para outros grupos que passam por condições de marginalização está sob outro prisma seja social, seja cultural.

Ao pensar as poéticas negras como possibilidade de fabular mundos e de projetar, sobre esse projeto de fabulação, um outro educar, encontramos justamente a possibilidade de tensionar os espaços institucionais como fez Kilomba (2021), com *O Barco/The Boat*, no MAAT. Uma demolição da arquitetura colonial, numa dimensão consciente e inconsciente, que perpassa, em sua construção, a segmentação de outros corpos negros, que vivenciam os mesmos trânsitos repressivos de uma sociedade racista, que nega o racismo e parabeniza a ideia de uma identidade nacional sob o prisma de ser resguardada como “clássica”. É nesse contexto que a poética negra surge como um movimento de aquilombamento, no qual os espaços assumem, na coletividade, uma forma de práxis engajada (Nascimento, A., 2019; hooks, 2013).

É por meio das poéticas negras que vemos movimentos de tensionamento para além das alianças delimitadas por sujeitos brancos que reconhecem o racismo e o modelo colonial português frente a essa discussão. Assim, ao fabular mundos outros por meio das poéticas negras que não se limitam apenas às artes visuais, mas abrangem o modelo geral das artes, percebemos como as narrativas promovidas por essas poéticas estão, de algum modo, refletidas na ascensão de autoras e autores que narram os rastros coloniais deixados pela colonização.

Penso esse processo, enviesado pelo lugar deste corpo negro, que já viu a Europa como um grande centro, mas que percebeu a margem como um outro lugar de encontro. Frente ao modelo metafísico, dialético, ético europeu, esse centro aparece estagnado. É

para esse lugar que busco me reposicionar sobre os efeitos da margem, como um modo de pensar que delimita uma reposição dos sujeitos que estão a dizer um tempo. Essa margem que produz vida, sob o efeito de uma construção metafísica e ética em crise, amplia outro olhar para o mundo: a margem acometida aos crimes, que planeja a vida, essa vida roubada que agora se torna desejo do centro, esse centro que negocia a vida à margem.

Considerações Finais

A pesquisa concentrou-se em pensar o processo de como as poéticas negras aparecem no território português e o trânsito que estas poéticas delimitam na aproximação com as produções brasileiras. Ao longo do processo, apresentamos uma das obras que expressa a compreensão dessas poéticas negras: *O Barco/The Boat*, de Grada Kilomba, como um dispositivo estético e epistemológico que tensiona narrativas históricas e estruturas simbólicas associadas à herança colonial no contexto português. mas uma condição que atravessa as bases concretas e que se expressa no flagelo da vida negra, vidas que vivem em complexos trânsitos de desenraizamento em busca de si.

Com esta pesquisa, indicamos a persistência de dinâmicas estruturais de racialização no contexto português, frequentemente apontadas por estudos críticos como responsáveis pela produção de desigualdades sociais e formas de violência que afetam populações negras e racializadas, enquanto as políticas institucionais pouco se importam com a condição de imigrantes negros e de afro-portugueses. O racismo tende a ser um projeto de construção social, uma condição de embranquecimento, mas, ao mesmo tempo, um modo de manter as vidas negras no lugar da subalternidade, ainda sob as estruturas sociais e culturais desse lugar.

Para além disso, a pesquisa percebe que o avanço contemporâneo de discursos conservadores e autoritários tem intensificado contextos de vulnerabilidade racial em diferentes sociedades, incluindo o contexto português tende a aumentar ainda mais as condições de violência, mediante os fascismos que se propagam cotidianamente e que, de algum modo, demonstram as lentes através das quais Portugal observa o negro. Mesmo

que esse negro seja português, estamos falando de um sujeito invisível, mas visível àqueles que desejam sua exploração e sua morte. Assim, enfatizamos que as contribuições que aparecem neste estudo delimitam um modo de compreender, cada vez mais, o funcionamento do racismo português, ao mesmo tempo que percebemos outra forma de pensar a vida, nas relações de poder.

Comprendemos, então, como as poéticas negras se projetam no sentido de uma recuperação existencial, como um modo de enraizamento das ruínas coloniais, erguidas pelas mãos negras escravizadas evidenciando o trabalho não pago, a desumanização e o modo de subversão da vida. Essa vida que ainda perpassa a disputa pela permanência, mas que rompe com o humanismo vigente e com os códigos ontológicos de experiência do ser. É enquanto não-ser que as poéticas negras avançam na efetivação de práticas antirracistas como modelos de cultivar vida negra, assumindo a fuga como uma ação de sobrevivência, que, nestas fugas, cria pequenos assentamentos num modo rizomático, de raízes e ramas que vão sendo quebradas e estilhaçadas para novos segmentos.

É no embate ao racismo que percebemos os efeitos pedagógicos das poéticas negras como um modo de efetivar uma educação antirracista. Esta, que confronta a consciência colonial, esfregando em seus olhos o racismo cotidiano, acendendo faíscas para causar combustão nas ruínas coloniais e seus monumentos, promovendo a escuta daqueles que não são escutados, tornando o invisível visível não mais na posição de subalternidade, mas adentrando os espaços, cobrando a dívida impagável, como um redirecionamento para pôr fim a este mundo e criar mundos outros, onde a existência esteja fundada na afetabilidade e não na dicotomia do eu, outro, outro do outro, que configuram os pilares ontoepistêmicos modernos.

Referências

ARAÚJO, Marta; RODRIGUES, Anabela. História e memória em movimento: escravatura, educação e (anti-)racismo em Portugal. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 14, p. 107-132, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v7i14.468>. Acesso em: 14 mar. 2025.

ARAÚJO, Marta; MAESO, Silvia Rodríguez. A presença ausente do racial: discursos políticos e pedagógicos sobre história, Portugal e (pós)colonialismo. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 47, p. 145-171, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000100010>. Acesso em: 14 mar. 2025.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-58.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 02 jan. 2025.

DAMASCENO, Heide Jesus. Relações étnicorraciais em Portugal: identidades sociais e representações na educação. **Medi@ções**, v. 7, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.60546/mo.v7i2.226>. Acesso em: 05 mai. 2025.

DIAS, Alfrancio Ferreira. Investigações-vidas em educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina; VICENTINI, Paula Perin (org.). **Narrativas e corpos em trânsito: resistência e insubordinação**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2024. p. 69-77.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FEITOSA, Belijane Marques. **Para um carregamento colonial, um ebó decolonial: saberes e fazeres da pedagogia de terreiro e sua contribuição para formação de professores**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

FIGUEIREDO, Otto Vinicius Agra; ARRUDA, Jalusa Silva de; ARAÚJO, Marta. Colonialismo português, lusotropicalismo, racismo e lutas antirracistas: entrevista com Marta Araújo. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 30, n. 62, p. 168-186, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21879/faeoba2358-0194.2021.v30.n62.p168-186>. Acesso em: 02 mai. 2025.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Tradução de Marcela Vieira e Eduardo Jorge Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>. Acesso em: 28 dez. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. **The Boat. MAAT Extended**, Lisboa, set. 2021. Disponível em: <https://ext.maat.pt/bulletin/boat>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MACHADO, Fernando Luís. Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 16, p. 111-134, 1994. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/925>. Acesso em: 04 jan. 2025.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 27-53.

MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva. In: CARNEIRO, Amanda (org.). **Arte e descolonização: MASP Afterall**. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), 2020. p. 1-12. Disponível em: <https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao>. Acesso em: 05 mai. 2025.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. São Paulo: Filhos da África, 2018.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, n. 18, p. 62-73, maio/out. 2012. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/renato_noguera_-_denegrindo_a_educa%C3%A7%C3%A3o_um_ensaio_para_uma_pedagogia_da_pluriversalidade.pdf. Acesso em: 10 mai. 2025.

PEREIRA, Amílcar Araújo; CRESPO, Fernanda Nascimento. Há negros portugueses? Disputa por sentidos à história e cultura em Portugal. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 28, e42667, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc28202242667>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SILVA, Denise Ferreira da. **Dívida impagável: uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo**. Tradução de Nathalia Silva Carneiro, Viviane Nogueira,

Jéfferson Luiz da Silva, Roger Faria de Melo, Nicolau Gayão. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

VARGAS, João H. Costa. Racismo não dá conta: antinegritude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 45, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2020.47201>. Acesso em: 14 mar. 2026.

Between Colonial Ruins and Black Escapes: Black Poetics and Subversive Intellectualities Creating Possible Worlds

Abstract: This article emerges from the experience of academic mobility within the Abdias Nascimento Academic Institutional Development Program, in Portugal, which focuses on empowering self-identified Black and Indigenous students, promoting racial equality, and combating racism. In this work, we investigate the presence of Black poetics in Portugal and the modes of maroonage that are constructed and contested within Portuguese society through subversive Black intellectualities. We take as an axis of investigation the colonial ruins and Black escapes, using the installation *The Boat* by the Portuguese Black intellectual Grada Kilomba as an analytical dimension to reflect on Portuguese racism and the forms of maroonage produced by Black individuals within these colonial sites, through processes of worldly contestation. The general objective of this article is to understand the meanings of Black poetics in Portugal and their modes of engagement in advancing anti-racist education, as well as in the process of Black subjectivation that resists the conditions imposed by colonial structures and *lusotropicalist* designations. As a methodological framework, we draw from “life-investigations” as an epistemic movement that helps us to express other inscriptions of the subject, through the process of colonial rupture that is thereby produced.

Keywords: Black Poetics. The Boat. Grada Kilomba. Anti-racist Education. Subversive Intellectualities.

Recebido: 21/05/2025

Aceito: 22/02/2026